

EDITORIAL

Linguagem & Ensino está passando por mais um período de transição: a edição anterior foi marcada pela saída da colega Susana Funck; nesta, a colega Maria da Glória di Fanti deixa a universidade e a revista. Ambas imprimiram aqui a marca de sua competência e dedicação. Entre as tantas lembranças que deixaram, a primeira que me vem à memória é a da Professora Glória caminhando pelos corredores e fazendo uma última revisão nas provas da revista. Ficamos entristecidos com a saída das duas colegas, mas desejamos a elas muito sucesso nas novas trajetórias acadêmicas. Assumimos, em seu lugar, além de mim, os colegas Adail Ubirajara Sobral, Andréia Schurt Rauber e Márcia Cristina Zimmer. Historicamente, a revista começou com um editor, passou para dois e agora somos quatro.

A boa notícia é que Linguagem & Ensino agora é Qualis A2, resultado ainda do trabalho competente desenvolvido pelas colegas que saíram. É mais um desafio que enfrentamos, com o número crescente de originais que recebemos e a necessidade de uma seleção cada vez mais criteriosa, para que apenas os melhores trabalhos sejam publicados. A boa avaliação no Qualis é, portanto, resultado de um conjunto complexo de fatores que vai além da editoria da revista, incluindo os autores, o conselho editorial, os consultores ad hoc e os leitores. A todos que contribuíram para esse sucesso, nosso agradecimento especial.

Dois temas chamam a atenção nesta edição de Linguagem & Ensino: (1) o texto, envolvendo problemas de sua produção, leitura e a questão do gênero; (2) a relação entre teoria e prática, com a proposta de iniciativas que possam fazer a articulação entre um lado e outro. Um terceiro tema também pode ser mencionado: a questão da língua estrangeira, seja o português para estrangeiros, o alemão para brasileiros ou a publicidade dos cursos de línguas.

Iniciamos esta edição com o texto de Erivaldo Pereira do Nascimento, que investiga o impacto de um curso para professores em formação continuada sobre gêneros textuais na perspectiva teórica do grupo de Genebra. Os dados foram coletados durante um ano de curso para cerca de 150 professores. A conclusão do autor é de que o trabalho com gêneros textuais na sala de aula do ensino fundamental pode produzir bons resultados desde que haja planejamento, envolvendo tanto a teoria como a prática.

Adair Gonçalves e Eliana de Barros tratam da mesma questão do ensino do gênero na sala de aula, também com base na proposta de Schneuwly e Dolz, mas considerando as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O trabalho analisa em detalhe três sequências didáticas e mostra como o planejamento sequenciado da aprendizagem, nos termos propostos pelos pesquisadores da Universidade de Genebra, pode contribuir para o domínio dos gêneros textuais pelo aluno.

Niura Maria Fontana, Neires Maria Soldatelli Paviani e Isabel Maria Paese Pressanto, com base numa perspectiva sociocognitiva, cultural e política, procuram verificar alguns fatores que influenciam o desenvolvimento da leitura. Para isso, usaram uma amostra de 144 alunos de primeiro ano da universidade, selecionada de 74 turmas de Língua Portuguesa Instrumental. Os resultados mostraram uma correlação significativa entre desempenho em leitura e incentivo para ler, seja na família ou na escola fundamental.

Ana Elisa Ribeiro analisa o impacto possível das convenções oficiais da escrita da língua portuguesa na produção textual de alunos da área das engenharias, com foco nas abreviaturas. A autora, com base na “crise” gerada pelo novo acordo ortográfico, faz um levantamento das prescrições apresentadas por professores e especialistas nos meios de comunicação de massa e por gramáticas, dicionários e manuais de estilo, juntamente com as produções dos alunos. A conclusão é de que o uso das abreviaturas varia muito, com influência mínima do que estabelecem as prescrições.

Rita Maria Diniz Zozzoli investiga a relação entre teoria e prática com foco no papel do professor pesquisador. O trabalho, de natureza conceitual, na medida em que propõe uma reflexão sobre o professor como leitor e produtor dos conhecimentos relativos ao ensino da língua materna, é também de natureza prática, ao analisar

dados da pesquisa de sala de aula. Defende a necessidade de uma articulação maior entre o mundo acadêmico e as práticas sociais.

A conexão entre teoria e prática é também abordada por Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira, que propõe a imagem do deus grego Hermes, aquele que decifrava as mensagens dos deuses para os homens, como metáfora para analisar o trabalho de formação contínua de professores. A conclusão é de que a rede de colaboração que se cria entre os pesquisadores da universidade e as professoras de inglês da escola básica contribui para mudanças não só no discurso, mas também na prática das professoras, produzindo o desenvolvimento da autonomia crítica.

Daniela Nogueira de Moraes Garcia aborda o problema das variações linguísticas apresentadas por aprendizes de português como língua estrangeira. Os dados foram coletados de emails e chats em parcerias de teletandem e analisados à luz da Sociolinguística. A conclusão da autora é de que a produção dos aprendizes estrangeiros nas interações de teletandem flutua entre a norma culta e a coloquial, por ainda não possuírem competência comunicativa na língua alvo.

Dorotea Frank Kersch e Carina Maria Sauer investigam as concepções que alunos e professores têm sobre o papel do dialeto da língua alemã que muitos alunos trazem de casa para a sala de aula de alemão padrão. Assim, observaram aulas de alemão padrão numa turma de alunos durante um mês e aplicaram um questionário para verificar concepções sobre a interferência do dialeto. Os resultados mostraram que o dileto é um elemento facilitador na aprendizagem do alemão padrão.

Solange dos Santos Lima analisa os efeitos de sentido que a publicidade das escolas de ensino de línguas causam nos alunos ingressantes dos cursos de letras em uma universidade sul mato-grossense, vistos como possíveis clientes desses cursos. A conclusão é de que as escolas são muito eficazes em antecipar as necessidades de seus clientes em potencial, incorporando também o discurso do fracasso dos cursos regulares dos cursos de línguas. Há ainda um silenciamento de outras questões importantes no ensino e aprendizagem de línguas.

Completam os textos desta edição duas resenhas: a primeira trata da gestão da aula universitária, por César Augusto Soares da Costa, e a segunda do ensino e aprendizagem da língua inglesa, por Lucilene Bender de Sousa.

Julho de 2010
Wilson J. Leffa
Editor